

# DO MAPA AO MITO: A ESPACIALIDADE COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA EM UMA POÉTICA TOPOFÍLICA NA CRIAÇÃO DA TERRA-MÉDIA

Amanda Laís Jacobsen de Oliveira\*

**RESUMO:** Este trabalho rastreia elementos do espaço em *O Senhor dos Anéis* (1954), pensando a topofilia como desenvolvida por Tolkien. Ao fazê-lo, analisa-se a maneira como os elementos narrativos são empregados com a finalidade de identificar a composição imagética na obra. Percebe-se, assim, como a articulação do narrador possibilita a visualização da Terra-média por parte do leitor. Para isso, as coordenadas geográficas e sua compreensão sobreposta na significação do campo semântico da obra se mostram essenciais. Desta forma, as concepções de Osíris Borges Filhos (2010), Antônio Dimas (1994), Yi-Fu Tuan (1983), Gabriel Zoran (2016) e Bachelard (1993) contribuíram para a compreensão do elemento espaço na narrativa. Bem como a categoria de cronotopo como elaborada por Mikhail Bakhtin (2010) e as reflexões de Campbell (1995) acerca do papel do herói. Com isso, é preciso destacar que esta abordagem busca observar o espaço essencialmente como elemento narrativo, ainda que se utilize dos significados depreendidos dos mapas e da sua presença na narrativa, percebendo e analisando como essa se dá através das técnicas de escrita utilizadas pelo autor. Por fim, a proposta de interpretação a partir da sobreposição de quadrantes com base nas coordenadas se dá apenas na medida em que se constitui através das técnicas narrativa, de forma a se perceber os significados atribuídos que podem então ser observados ao longo do texto de Tolkien.

**Palavras-chave:** Tolkien. Espaço. O Senhor dos Anéis. Estratégia narrativa. Espacialização literária.

## Introdução

Tolkien deixou um mundo e uma tradição compósita a ser lida e, por que não, investigada por seus admiradores. Uma das tantas portas de entrada para sua Terra-média é *O Senhor dos Anéis* [*The Lord of the Rings*]. Obra escrita em sua totalidade, acabou sendo fragmentada (por questões práticas à publicação) em três volumes: *A Sociedade do Anel* [*The Fellowship of the Ring*] (1954), *As Duas Torres* [*The Two Towers*] (1954), e *O retorno do Rei* [*The Return of the King*] (1955)<sup>i</sup>; sendo que cada um desses é composto por dois livros. Assim, em um total de seis livros, narra-se a história da Guerra do Anel, que inicia quando Bilbo Bolseiro [*Baggins*, no original] parte de sua casa, o Bolsão [*Bag End*]<sup>ii</sup> – localizada no Condado [*Shire*] –, durante sua festa de aniversário. Bilbo deixa tudo o que lhe pertencia para seu sobrinho, Frodo Bolseiro – que vivia sob sua proteção. Frodo herda não somente a casa e os pertences de Bilbo, como também as responsabilidades e a fama de suas “esquisitices”. Isso porque a própria história de Bilbo remonta a um livro ainda anterior a *O Senhor dos Anéis*: *O Hobbit* [*The Hobbit*] (1937).

Frodo não tinha conhecimento da história completa das viagens de Bilbo e, por isso, Gandalf (amigo e também importante mago da Terra-média) encontra-o para revelar tudo o que deveria saber. Em sua aventura relatada em *O Hobbit*, Bilbo encontrou e tomou para si um anel mágico, que estava na posse de uma criatura conhecida como Gollum. Entretanto, o velho hobbit não imaginava a importância daquele objeto que o fazia ficar invisível.

A origem do Anel era bastante antiga: Sauron, o Senhor das Trevas, enganou outros seres da Terra-média e forjou o Um Anel. Em uma guerra anterior, o Anel foi tomado de seu senhor e se perdeu. Sauron, porém, não foi destruído, pois seu poder e vida possuíam um elo

---

\* Licenciatura em Letras Português-Inglês (UTFPR – Campus Pato Branco, PR). Mestre em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM (Santa Maria–RS). Área de Concentração: Estudos Literários. Bolsista Capes. Doutorado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM (Santa Maria–RS). Área de Concentração: Estudos Literários. Bolsista Capes. É professora adjunta do magistério superior na Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução (FALET) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), na cidade de Marabá–PA. Têm experiência na área de Letras, ensino de Língua Inglesa, com ênfase em Literatura. Atua principalmente nos temas relacionados à literatura, cultura e interdisciplinaridade, literatura comparada e estudos culturais. E-mail: amanda.jacobsen@unifesspa.edu.br.

com o objeto, e, enquanto o Anel existisse, tampouco ele seria derrotado. O Anel, permanecendo muito tempo em esquecimento, escolheu o seu momento de retorno e aprisionou o personagem Smeágol (conhecido posteriormente como Gollum) em seu domínio. E, desse modo, chegou até Bilbo.

Agora, como Gandalf explica a Frodo e, paralelamente, ao leitor, Sauron está mais uma vez se reerguendo e reunindo aliados. Por conseguinte, o mago tenta concentrar forças para destruí-lo, com a ajuda de alguns seres que ainda contribuem à aliança benigna. Nesse ínterim, devem, portanto, eliminar o Anel. Contudo, o único modo de fazê-lo é atirando-o onde foi forjado: em Mordor, na Montanha da Perdição. O próprio Gandalf, porém, não pode tomar o Anel para destruí-lo, pois o objeto tem um poder imensurável, e dominaria o mago (ou qualquer outro ser poderoso, mesmo que bem-intencionado), percebendo a chance de retornar a seu mestre.

Vê-se então para onde o enredo é encaminhado: Frodo, um simples hobbit do Condado, deve enfrentar essa jornada inesperada. E, destarte, inicia a sua travessia. Um caminho repleto de surpresas e perigos; com encontros (in)oportunos e paisagens diversas. Frodo, assim, deixa o Condado rumo à longínqua e hostil terra de Mordor.

A aventura que se desenvolve n’*O Senhor dos Anéis* envolve-se com outras pequenas narrativas dentro do mundo tolkieniano porque faz parte de uma tradição, um complexo mundo ficcional criado durante toda a vida do autor. Uma das características memoráveis da obra de Tolkien é a atenção aos detalhes espaciais onde as narrativas se desenvolvem. Escolheram-se os lugares minuciosamente a serem percorridos por personagens específicas e colocaram-se as paisagens mais representativas diante de seus (e de nossos) olhos. Desse modo, estabeleceu-se uma verossimilhança que permite imaginarmo-nos caminhando pela Terra-média. Somente os mapas seriam suficientes para expressar a pormenorização do enredo em seu elo com o espaço – lendo a narrativa acompanhada dos mapas notamos como as distâncias foram cuidadosamente calculadas em sua relação espaço-tempo; e a utilização de certos campos lexicais e estruturas narrativas intensificam ainda as possibilidades desses significados.

Ao pensar nas estratégias narrativas delineadas pelo autor, este artigo se origina da percepção das variações de cenário ocorridas na narrativa referida. Observa-se como as paisagens têm papel não somente ilustrador, mas realmente efetivo nos acontecimentos. A Terra-média age quase como uma personagem independente dentro do romance, revelando uma ligação coerente com os movimentos e as vivências das demais personagens. Por essa perspectiva, propõe-se um viés de interpretação para a visualização do mapa da Terra-média em associação direta com a constituição imagética intratextual em *O Senhor dos Anéis*, notando como as significações do mapa e do texto se enriquecem mutuamente nesse exercício.

Com o intuito de observar o espaço como categoria narrativa, as concepções de Oziris Borges Filho em *Espaço e literatura: introdução à topoanálise* (2007), Gaston Bachelard em *A Poética do Espaço*, e Antonio Dimas em *Espaço e romance* (1994), foram essenciais. Porquanto o intuito é pensar o espaço como componente não exclusivo, mas sim em sua relação com as personagens, textos que consideram o humano e seu elo com o ambiente, tais como *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1983) e *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente* (1980), ambos de Yi-Fu Tuan, mostram-se importantes da mesma forma. Ademais, o *Questões de literatura e estética* (2010), de Mikhail Bakhtin, é crucial por tratar da ideia de cronotopo, em especial no motivo relacionado à estrada. Outros trabalhos foram mencionados com menor intensidade, a título de ilustração ou exemplificação para a pesquisa.

## Nas costas do dragão: sobrevoando a Terra-média

Em um reino muito distante “Em uma toca no chão vivia um hobbit” (WHITE, 2013, p. 20-22; KYRMSE, 2003, p. 12, tradução nossa)<sup>iii</sup>. Mas hobbits não eram os únicos a habitar esse *realm*. Homens, anões, elfos, ents, orcs, entre outras criaturas (algumas até mesmo com nomes desconhecidos e outras raramente vistas), também ali estão. E “Quando você tem todos esses povos em suas mãos, você deve fazê-los diferentes, não deve?”<sup>iv</sup> (TOLKIEN, 2008, tradução nossa). Fazê-los diferentes implica atribuí-los línguas, culturas e, principalmente, regiões específicas. A região, por esse viés, é de extrema relevância, pois, quando se separam determinados ambientes, especificam-se também os costumes e tradições. De acordo com o espaço habitado, os moradores-personagens terão comportamentos congruentes (ou ao menos assim deveria ser naquelas obras que se mostram verossimilhanças).

A verossimilhança, nesse caso, não diz respeito à ficção com relação à realidade, mas sim ao sentido dos elementos intratextuais. Um texto literário, assim, é verossimilhante devido ao sentido coerente do enredo, que obedece a certos princípios dentro de uma história específica. Por essa perspectiva, pode-se entender por que obras consideradas como fantasia chegam a parecer reais aos seus leitores, uma vez que a sua verossimilhança consegue convencer de tais acontecimentos, tornando-os plausíveis em seu contexto ficcional.

Construir tais obras literárias é uma tarefa complexa. Não obstante, alguns escritores o fazem de forma com que a estrutura inerente de seus textos se torna quase uma realidade alternativa. Entre esses textos se pode citar a obra de J. R. R. Tolkien, que, mais do que apenas narrar os eventos da Terra-média, entrelaçá-los de uma forma intrinsecamente verossímil. Isso acontece porque “Tolkien acredita em seu mundo e em todos aqueles que o habitam. Isso, é claro, não é garantia de grandiosidade – se Tolkien não fosse um bom escritor, isso não o faria um – mas é algo sem o qual não existe grandiosidade, em arte ou em qualquer outra coisa” (BEAGLE, 1966, p. xvi, tradução nossa)<sup>v</sup>.

Com o objetivo de proporcionar tais histórias ao leitor, o autor tomou muito de seu tempo para elaborar um mundo fictício que apresentasse profundidade e complexidade, com detalhes que o impedião de deixar alguma parte da história sem encadeamento. Entre os importantes elementos presentes em seu mundo, a geografia da Terra-média deve ser lembrada como essencial. E é por isso que este trabalho julga relevante a sua discussão.

Ao observar o percurso do escritor para desenvolver as suas narrativas, identifica-se a importância do espaço geográfico da Terra-média para seu autor e, conseqüentemente, para as personagens. Com o objetivo de escrever sua mitologia, Tolkien determinou os locais onde ela iria se desenvolver, antes mesmo de ter escrito as histórias com o detalhamento que elas teriam por fim, porque, “Se você vai ter uma história complicada você deve trabalhar em um mapa, caso contrário você nunca conseguirá fazer o mapa dela mais tarde” (TOLKIEN, 2008, tradução nossa)<sup>vi</sup>. Por conseguinte, todas as suas histórias são acompanhadas de mapas da Terra-média. Os espaços específicos do mundo fictício de Tolkien alteraram-se de história para história, de povo para povo. Além disso, ao longo das Três Eras<sup>vii</sup> desenvolvidas na mitologia, esse mundo se modificou. E, dessa forma, disponibilizou-se todo o mapeamento juntamente às situações que dizem respeito aos determinados lugares da ficção, em constante desenvolvimento espaço-temporal. Trata-se da técnica literária específica utilizada por Tolkien para a construção narrativa, estabelecendo assim uma sinergia entre personagens e circunstâncias, antes mesmo de sua materialização no mapa. Ou seja, existe um “Espaço antes do Espaço”.

Tolkien procurou preencher os possíveis vazios históricos que poderiam ser perseguidos por seu leitor ao adentrar suas narrativas e seu mundo ficcional. Caso seja de interesse, pode-se encontrar os princípios da sua narrativa desde a formação de seu mundo fictício e da criação dos seres que viriam a habitar aquele espaço: basta consultar *O Silmarillion* [*The Silmarillion*] (1977) e os Apêndices em *O Senhor dos Anéis* (1954, 1954, 1955). O que não foi passível de

acréscimo nesses livros, estava disponível em várias caixas repletas de anotações aleatórias, que foram postumamente organizadas pelo filho, Christopher Tolkien (à época o responsável pela obra do pai). Essas informações foram publicadas em uma coletânea de doze volumes, chamada *A História da Terra-média* [*The History of Middle-earth*]<sup>viii</sup> (1983-1996).

Dentro do contexto geral da obra, a Guerra do Anel, ou seja, o enredo de *O Senhor dos Anéis*, ocorre meramente na Terceira Era da Terra-média. Isso significa que esse mundo vinha sofrendo mudanças desde a sua criação na Primeira Era, há milhares de anos, o que confere coerência geográfica e histórica à criação. Este trabalho se atém ao mapeamento relativo apenas ao período que engloba a Terceira e última Era relatada nos livros, tendo em vista que o objeto de estudo é a dimensão dos elementos narrativos e sua integração com a paisagem no recorte literário a partir de *O Senhor dos Anéis*. Assim, informações relativas ao espaço dos demais períodos históricos da Terra-média serão discutidas apenas quando relevantes para esta pesquisa.

Os mapas da Terra-média são localizados de acordo com as coordenadas geográficas conhecidas por nós: Norte, Sul, Leste e Oeste. De fato, Tolkien algumas vezes sugeriu que os espaços onde suas histórias ocorreram não eram totalmente fictícios. Na realidade, os eventos haveriam tomado forma aqui mesmo no Planeta Terra, em um período em muito pré-histórico e, esse sim, fantasioso – característica que vai ao encontro da ideia de como o ser humano conhece e constitui suas histórias mitológicas, com essa concepção de eventos que aconteceram em um tempo distante, desconhecido por nós e, por isso, acessível apenas por suas histórias. Todavia, diferente do mundo em nossa Era, onde o Norte é tomado como principal ponto de orientação geográfica – sendo que os demais são sempre dados em sua relação com esse – talvez se possa afirmar que a região mais importante de Arda (como é denominado o mundo fictício referido) é o Oeste.

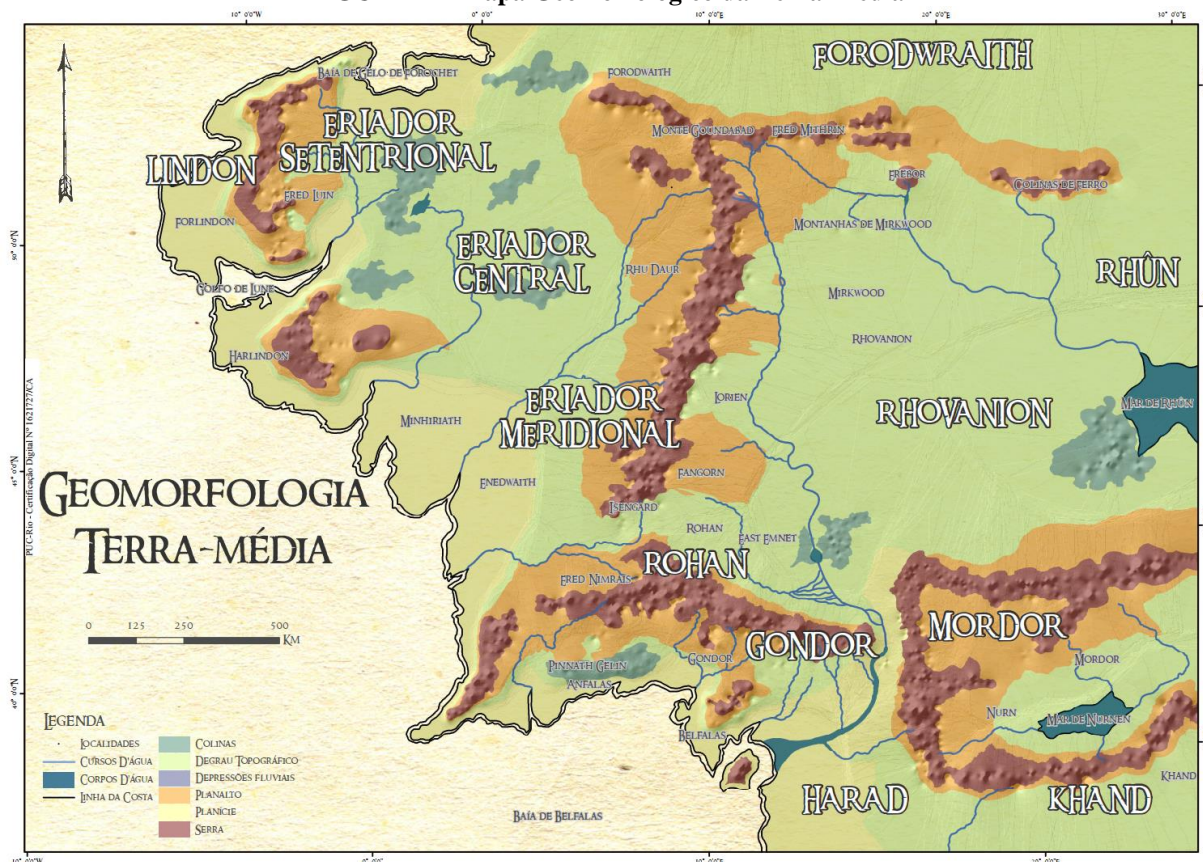
No Oeste da Terra-média se localiza o Grande Oceano que leva à Valinor, a região dos primeiros seres que habitaram o mundo. Por essa razão, nota-se que muitas das referências e da estruturação semântica da narrativa está construída pela acepção Oeste-Leste. Contudo, os mapas em si estão distribuídos na orientação usual, respeitando o *norteamento*; provavelmente pelo fato de as direções serem disponibilizadas a nós, humanos, habitantes do Planeta Terra (e não aos moradores de Arda).

Além de caracterizar o espaço fictício da Terra-média através de nomes bem específicos e regiões adequadas, Tolkien determinou lugares com formações geográficas diversas. De acordo com as descrições feitas por ele, pode-se perceber como os tipos de solo, vegetação, relevo e outros elementos constituintes das paisagens, se alteram e se diferenciam entre si. Encontram-se nos mapas e nas narrativas os rios, córregos, montanhas, picos, pântanos, grandes florestas (e pequenas matas), descampados, entre outros: nada será deixado sem conexão dentro de Arda. Tamanha é a sinergia estabelecida no detalhamento que permite estudos como o fornecido por Karen Wynn Fonstad n' *O Atlas da Terra-média* (2013). A cartógrafa e mestre em geografia pela Universidade de Oklahoma, reuniu e organizou esses dados, acrescentando e comentando a obra de Tolkien a partir de seus conhecimentos geográficos. O estudo dela proporciona uma amplitude e detalhamento dos mapas da Terra-média, relacionados em suas Três Eras. Dessa forma, pode-se comparar os mapas entre si e em paralelo com as narrativas, e perceber as mudanças ocorridas ao longo do tempo no mundo de Arda. Ademais, os mapas facilitam a observação do leitor por serem de tamanhos relativamente ampliados, se comparados com aqueles trazidos nos respectivos livros. A autora traz o conteúdo dividido em Primeira, Segunda e Terceira Eras da Terra-média, e, por fim, uma cisão de acordo com as obras de Tolkien. Nessa última parte, ela traçou as jornadas realizadas pelas personagens.

Ademais, outro estudo que se debruça sobre a cartografia da Terra-média é a tese de doutorado de Rafael da Silva Nunes (2020), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em

Geografia. Seu estudo nos permite visualizar aquelas características geográficas mencionadas anteriormente através das figuras por ele elaboradas:

**FIGURA 1 – Mapa Geomorfológico da Terra-Média**



**FONTE: (NUNES, 2020).**

Para Tolkien, diante de qualquer história, os leitores teriam a capacidade de crer no texto literário, com a condição de que a arte do contador de histórias fora boa o suficiente para produzir essa crença. A fim de explicar este estado mental, esta suspensão, na qual o leitor se coloca, Tolkien define o que chama de Mundo Primário e Mundo Secundário. Nesse sentido, o autor:

[...] cria um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é ‘verdade’: isso de acordo com as leis daquele mundo. Portanto, nós acreditamos nele, enquanto estamos, como deve ser, ali dentro. No momento no qual a descrença surge, o feitiço se quebra; a magia, ou melhor, a arte, falhou. Então, estamos de novo no Mundo Primário, a olhar para o pequeno Mundo Secundário abortado a partir do exterior (TOLKIEN, 1966, p. 60, grifo do autor, tradução nossa)<sup>ix</sup>.

É assim que, com a finalidade de manter o feitiço e não quebrá-lo enquanto seu leitor adentra, consequentemente, o mundo de Arda, que Tolkien constrói uma narração complexa de modo a não tirá-lo nunca do encantamento ao qual se propõem. Todas as relações históricas e geográficas minuciosas são parte integrante desta coerência narrativa do Mundo Secundário por ele criado.

Esse estilo de narração do escritor se deve à sua crença de que “é precisamente a coloração, a atmosfera, os detalhes individuais inclassificáveis de uma estória e, acima de tudo, o sentido geral que informa com vida os ossos não dissecados do enredo, que realmente contam” (TOLKIEN, 1966, p. 46, tradução nossa)<sup>x</sup>. Características que revelam mais uma vez a

preocupação de Tolkien com os detalhes em sua obra e conferem profundidade ao enredo, dado que promovem uma ambientação adequada às personagens. De tal forma ele as organiza, que se poderia acreditar que ele primeiro visitou aqueles lugares, para depois mapeá-los – e talvez por isso Tolkien afirmasse ter “descoberto” a Terra-média, e não a inventado. Para ele, uma história devia ser, a todo custo, apresentada como “verdade” (TOLKIEN, 1966, p. 42).

Fica evidente que os mapas na obra de Tolkien não se tratam de meras ilustrações. Eles complementam e acrescentam significados ao enredo, e, apenas tendo-os em mãos conseguem-se criar uma imagem mental do percurso das personagens. Através deles, cria-se familiaridade com a história e o espaço e, ademais, a presença dos mapas estabelece algo concreto que se refere àquele mundo, contribuindo para um pacto de legitimidade entre leitor, obra e autor.

Ao observar a Terra-média nos mapas, em conjunto com as descrições do autor, pode-se fazer conjecturas plausíveis a respeito dos locais. Coloca-se a si mesmo com as personagens, quase caminhando lado a lado, pois se consegue, também, percorrer o mesmo caminho, e perceber aquele mundo que está à sua volta. Criam-se expectativas, calculam-se trajetórias, comparam-se caminhos, somente ao ler a história e os mapas em paralelo. E isso só é possível devido ao cuidado do autor em articular essa composição, de modo que inclusive as distâncias a serem percorridas foram calculadas (em relação ao tempo de percurso, por exemplo) de acordo com as relações das medidas usuais de espaço-tempo.

### **Uma proposta de interpretação para a espacialidade na Terra-média**

Contemple-se, enfim, na página seguinte, o mapa da Terra-média, como disponibilizado por Tolkien para *O Senhor dos Anéis*: a Oeste está o Grande Mar [*the Great Sea*], no qual se aventuram as embarcações que se dirigem para a terra dos imortais, Valinor; a Leste, a Floresta das Trevas [*Mirkwood*], região dos elfos da floresta e também lugar de passagens de alguns seres das sombras; ao Norte o começo das Montanhas Sombrias [*Misty Mountains*] e o antigo reino de Angmar<sup>xi</sup>; e ao Sul, Gondor. Esses não são os únicos locais nessas direções, mas essas são as extremidades que de algum modo se mostram relevantes durante a Guerra do Anel.

Cabe aqui uma breve contextualização sobre a Guerra do Anel, o grande conflito da Terceira Era da Terra-Média, travado entre Sauron e os povos livres, estando os últimos em aliança com hobbits, anões e elfos. Sauron, sendo o senhor de Mordor e também o senhor do Anel, aquele que comandava todos os demais anéis de poder, tentava conquistar o poder na Terra-Média, com o auxílio dos orcs, trolls e outros que dele se aliaram, para tornar os povos livres submissos a ele. Sauron manteve a vantagem militar ao longo da Guerra e, o que fez com que ele pudesse, enfim, ser vencido, foi o fato de a aliança ter mantido a guarda do Anel consigo e longe de seu senhor. Assim, conseguiram levá-lo a Mordor e destruí-lo por fim, arruinando junto com ele o seu criador, terminando e vencendo a Guerra do Anel contra Sauron. A Guerra do Anel é o enredo que compõem *O Senhor dos Anéis*, iniciando em sua primeira parte, *A sociedade do Anel*, e finalizando em sua terceira parte, *O retorno do rei*. Mais informações também podem ser encontradas em *O guia completo da Terra-Média* [*The complete guide to Middle-earth*] (1979), de Robert Foster.



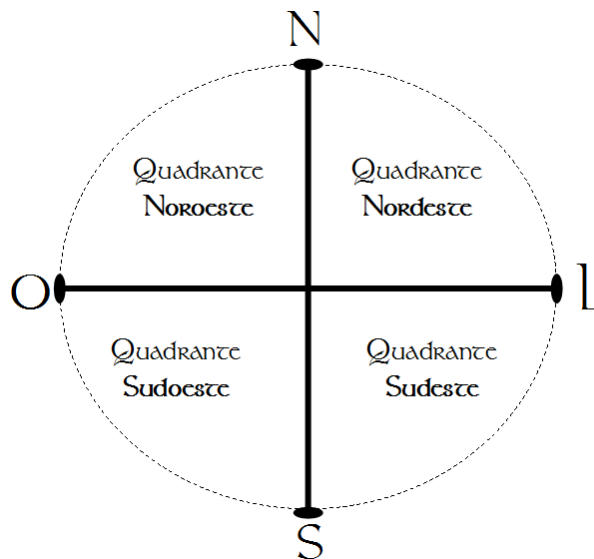
FIGURA 2 – Mapa da Terra-Média



FONTE: (TOLKIEN, 2001).

O grande espaço que está entre as extremidades acima mencionadas é passível de muito detalhamento; tanto que seu autor, em determinados livros, optou por apresentar similarmente ao mapa inteiro da Terra-média (nos limites supramencionados), aqueles que aproximam a visão do leitor de quadrantes ou locais específicos. Dessa forma, o leitor tem a possibilidade de notar os pormenores que antes não poderiam ser vistos. Com a intenção de comentar algumas das demais localidades que compreendem a Terra-média em seu encadeamento com as coordenadas geográficas, pode-se traçar o seguinte esquema, apresentado na Figura 3:

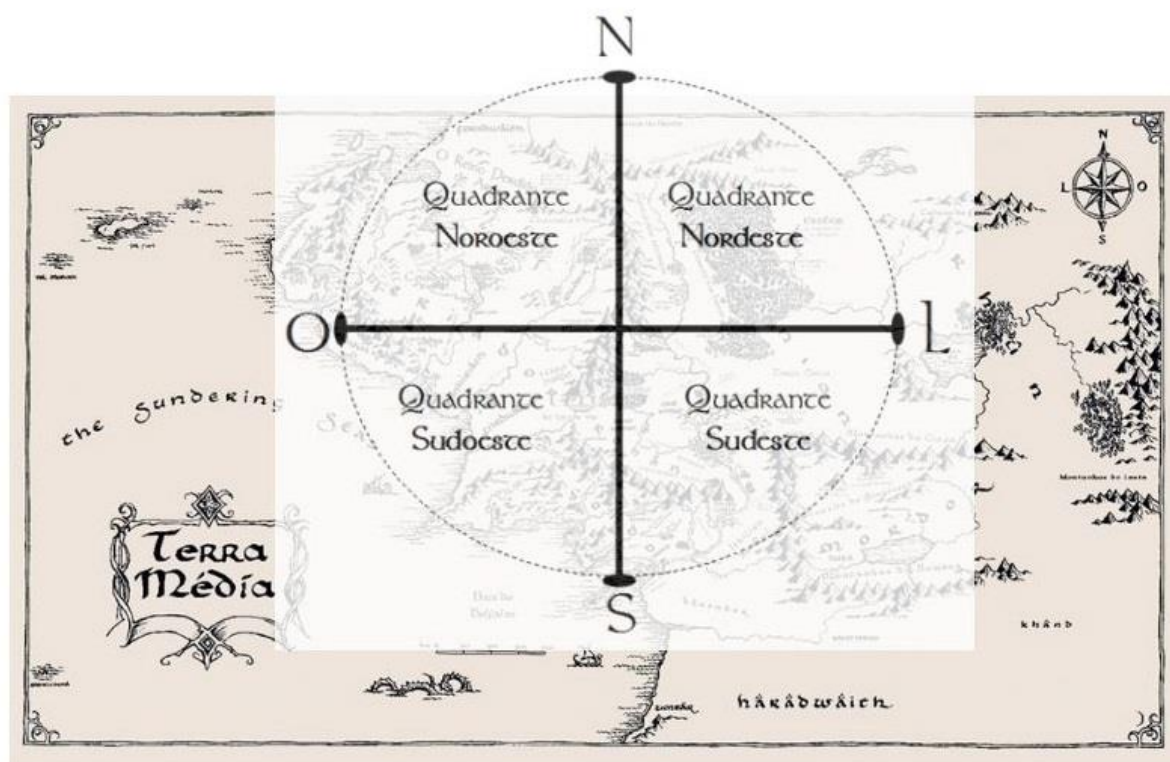
FIGURA 3 – Coordenadas geográficas e quadrantes estabelecidos



FONTE: (AUTORA, 2023).

Refere-se a esse diagrama como se fosse sobreposto ao mapa da Terra-média disponível em *O Senhor dos Anéis*. Além de direcionamento, ele fornece uma ideia de limites entre as regiões, sendo que as extremidades dizem respeito àquelas já mencionadas acima. O centro de encontro horizontal e vertical corresponderia ao portão de Moria, em função da sua posição no mapa e na trama narrativa. Moria é o lugar onde a Comitiva do Anel encontra seu primeiro grande perigo, tendo que enfrentar os poderes de Sauron. Além disso, é ali onde a Sociedade começa a se desmanchar, com a queda de Gandalf, o Cinzento. O espaço geográfico em si é sintomático, pois, assim como o próprio mapa informa, trata-se do *Portão* de Moria, e o conceito de “portão” indica passagem, e/ou a transgressão de um limite, o ultrapassar de uma fronteira. E essa travessia também rompe com a barreira estabelecida pelas Montanhas Sombrias, que, tanto no mapa como nos comentários do narrador, são semelhantes a uma parede que separa a Comitiva do restante de sua jornada. Essa cadeia montanhosa, então, coincide, aproximadamente, com as coordenadas verticais, necessariamente por provocar essa cisão. Esses elementos e significados atribuídos justificariam esta interpretação fornecida pela sobreposição dos quadrantes ao mapa, que se complementam ao observar o restante da obra em sua construção narrativa e campo semântico. A ideia da sobreposição como sugerida, ainda que não seja exata, uma vez que ela tem maior relação com as técnicas narrativas do que com a precisão geográfica, pode ser observada na figura 4 abaixo:

**FIGURA 4 – Sobreposição das coordenadas geográficas e quadrantes estabelecidos ao mapa da Terra-Média**



FONTE: (AUTORA, 2023).

É importante lembrar a presença do Sol que, também na Terra-média, nasce no Leste e se põe no Oeste. O percurso dele, acompanhado de sua luz, pode contribuir para muitas interpretações ao longo do enredo. Note-se que, como comentado em momento prévio, o ponto cardeal mais importante para a obra de Tolkien é o Oeste, e, claro, sua complementaridade com o Leste. Portanto, essa concomitância do pôr-do-sol e do Oeste como orientação (e não o Norte



como nos é usual) pode provocar conjecturas variadas e específicas a respeito de seu contexto. Dentre as passagens nas quais se pode observar essa característica, está o capítulo denominado “A Janela sobre o Oeste”, na segunda parte, *As Duas Torres*. Neste capítulo, Frodo e Sam encontram-se com Faramir, irmão de Boromir (integrante da Sociedade do Anel). Esse, sem conhecê-los, de início os mantém como prisioneiros. Porém, depois os auxilia a continuar sua jornada a fim de levar o Anel até Mordor. Antes de seguirem caminho, Frodo e Sam são levados e juntam-se ao grupo de Faramir, homens de Minas Tirith, a uma caverna, onde o sol brilhava a Oeste, através de uma cortina de água:

Estavam sobre um chão molhado de pedra polida, que era a soleira, por assim dizer, de um tosco portão de pedra, que se abria escuro atrás deles. Mas à frente caía um fino véu de água, tão próximo que Frodo poderia tê-lo alcançado se esticasse o braço. Dava para o *oeste*. Os raios horizontais do sol que se punha atrás batiam nele e a luz vermelha se partia em muitos raios bruxuleantes de cores iridescentes. Era como se estivessem à janela de alguma torre élfica, cuja cortina fosse feita com cordões de ouro e prata, rubis, safiras e ametistas, tudo ardendo num fogo que não consumia.

— Ao menos tivemos a sorte de chegar à hora certa de recompensá-los por sua paciência — disse Faramir. Esta é a Janela do Pôr-do-Sol, Henneth Annún, a mais bela de todas as cachoeiras de Ithilien, terra de muitas fontes. Poucos forasteiros tiveram oportunidade de vê-la. Mas não há um salão real por trás que lhe esteja à altura. Entrem agora e vejam!

No momento em que falava, o sol se pôs, e o fogo mergulhou no fluxo das águas. (TOLKIEN, 2001, p. 881, grifo nosso).<sup>xii</sup>

A assertiva da primazia do Oeste é expressiva em função da localização na qual se encontra Valinor, para onde, afinal, após o término da Guerra do Anel, todos aqueles que não podem mais habitar a terra dos homens se dirigem. De nome original Valinórë, ou “povo de Valar”, Valinor é a terra dos Valar<sup>xiii</sup> (FOSTER, 1979, p. 516-517). Localiza-se para lá do mar a oeste da Terra-média. “É uma terra sagrada e encantada, onde nada desaparece nem morre e onde a doença e o sofrimento são desconhecidos [...] os jardins de Valinor são o local mais belo do mundo” (MANGUEL; GUADALUPI, 2013, p. 928-929). Foi um local preparado e fornecido aos Valar e aos elfos como proteção. Tudo lá é santificado, e não se encontra doença ou corrupção. Sendo assim, ter a permissão, ou receber o convite para se dirigir a Valinor é um privilégio incomensurável destinado a poucos.

Mesmo com a proeminente relação Oeste-Leste no percurso da narrativa, Tolkien optou por dispô-la de acordo com os nossos costumes, o que também provoca significados correlativos. O Norte é sempre o primeiro ponto de localização, para que assim possam ser determinados os demais. Nesse sentido, associa-se tudo o que está à frente ao Norte, e o que está às costas ao Sul. Por isso, o Norte é representativo daquilo que se vê, aquilo que está ao alcance dos olhos e, portanto, da compreensão. Trata-se do que se mostra, ou se coloca na luz. Antagonicamente, o Sul é concatenado com tudo aquilo que permanece oculto, nas sombras, porque longe do campo de visão.

Esses dois posicionamentos combinados tornam, com base no diagrama apresentado acima, o Quadrante Noroeste de suma importância. Nele se encontram o Oeste, do pôr-do-sol e da terra dos imortais, e o Norte, da visão e da clareza. Sobrepondo o lineamento ao mapa da Terra-média em sua Terceira Era, como um dos lugares mais significativos no Quadrante Noroeste, está posicionado o Condado, de onde Frodo inicia sua jornada com os companheiros hobbits. O fato do Condado – e Vila dos Hobbits [*Hobbiton*], a aldeia de Frodo – ser um dos poucos lugares na Terra-média que continuam ainda praticamente inalterados pelas forças de Sauron (e, por isso, até o início da história, relativamente seguros), não é mera coincidência.

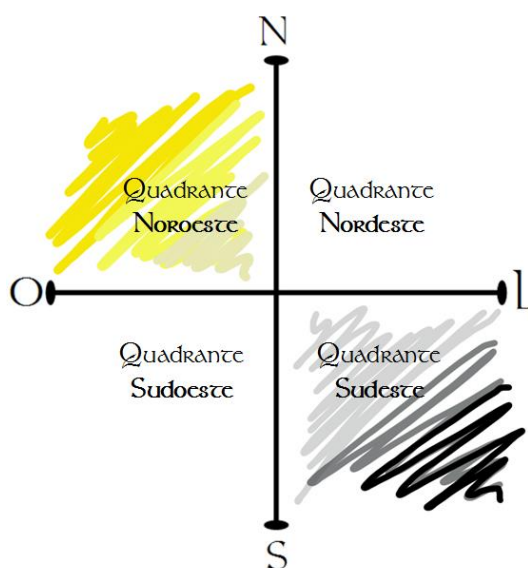
O Condado é uma região que, mesmo habitada, mantém essencialmente o espaço natural. Alberto Manguel e Gianni Guadalupi (2013, p. 814) descrevem-no como uma

[...] terra fértil e agradável [...] uma região rica, predominantemente agrícola, irrigada por vários rios [...] Os habitantes do Shire são os hobbits, na sua maioria agricultores, artesãos e pequenos comerciantes. Não existem grandes cidades na região e a maioria da população vive em pequenas aldeias ou aglomerados de casas dispersas.

É um lugar onde se costuma fazer passeios quando “[o] sol tinha se posto e um entardecer *pálido* e fresco *morria* dentro da noite” (TOLKIEN, 2001, p. 47, grifo nosso)<sup>xiv</sup>. O excerto constrói um cenário que evoca a tranquilidade. Enquanto, em outros momentos, a chegada da noite pode significar perigo (devido à escassez de luz), aqui ela chega com uma “cool *pale evening*”. O campo lexical mostra que o anoitecer não se impõe, mas se instala vagarosa e silenciosamente (*quietly*), às maneiras do Condado e de seus moradores. Ademais, a presença do advérbio *quietly* combinado com o verbo *fade*, causa uma impressão de quase personificação por parte da paisagem, como se ela estivesse agindo consciente e propositalmente.

A jornada de Frodo, desde Vila dos Hobbits até o final esperado, em Mordor, desenha quase uma trajetória diagonal: saindo do Quadrante Noroeste, adentrando apenas os limites do Quadrante Nordeste e logo seguindo para o Quadrante Sudeste. Da mesma forma que o Leste é o oposto complementar do Oeste, e o Sul é o oposto complementar do Norte, o Quadrante Sudeste é o oposto complementar do Quadrante Noroeste. E, por isso, na narrativa de Tolkien, os lugares no Quadrante Noroeste são mais associados à segurança, conforto e luz; enquanto os lugares no Quadrante Sudeste estão ligados à sombra, escuridão e perturbação. Nesse último, a combinação Sul e Leste é importante, por se tratarem ambos de reversos dos outros pontos privilegiados. Percebe-se por exemplo que, o fato de o Sol se pôr no Oeste permite àquela região um pouco mais de luminosidade nas horas finais do dia, enquanto o Leste “entra” na escuridão com antecedência. Conforme Frodo avança em sua jornada adentrando o Sudeste, ele e o narrador percebem que os dias amanhecem mais escuros no horizonte (a Leste). Essa imagem pode ser expressada pela figura 5:

FIGURA 5 – Jogo de luz e sombra nos quadrantes



FONTE: (AUTORA, 2023).

Conforme o caminho ultrapassa os limites do Norte e do Leste, a jornada fica progressivamente mais hostil e árdua, de modo que, no destino final almejado, encontra-se a maior ameaça. Frodo caminha então da segurança do local idílico, representado pelo lar, em

direção ao desconhecido e ao perigo, que se intensifica a cada passo. Desde quando deixam Vila dos Hobbits, os hobbits alternam ao encontrar um lugar (ou situação) ostensivo e outro acolhedor. Seguindo a progressividade estabelecida no enredo, os lugares hostis aumentam e os convidativos se tornam cada vez mais raros, principalmente quando a trajetória chega no Quadrante Sudeste, onde a presença do Mal se intensifica cada vez mais, como representa o desenho acima<sup>xv</sup>.

Durante a primeira parte da narrativa, ainda na região dentro do Quadrante Noroeste, Frodo e os companheiros enfrentam acontecimentos e locais que representam malefício, mesmo estando longe do centro que simboliza as trevas. Entretanto, isso não contraria os significados expressados a partir do traçado anterior, de fato, apenas acentua os sentidos da obra como um todo. A presença do Mal nas regiões mais longínquas e antes plenamente seguras, representa a invasão e a tomada de poder pelo Senhor do Escuro, que continua se alastrando: Sauron – que agora arrisca tomar caminhos antes desconhecidos.

Enquanto o inimigo invade o espaço idílico e seguro, o herói (Frodo) deve adentrar o ambiente hostil e infausto, para conseguir destruir o Anel e, por conseguinte, o seu Senhor. Há, assim, uma movimentação antitética que corrobora às imagens espaciais elaboradas até o momento por meio da leitura do texto literário, onde Frodo e o Mal (representado por Sauron e seus servidores) devem enfrentar o desconhecido, o antagônico que os afetará de maneira inevitável e irreversível.

As observações até o momento levantadas mostram a relevância de uma leitura que privilegie o espaço da obra tolkieniana, principalmente em sua relação com as personagens. A geografia do mundo e das obras de Tolkien é um dos elementos essenciais que formam o seu quebra-cabeça literário. De acordo com Kyrmse (2003, p. 24-27) “[o] mundo de Tolkien possui três dimensões que lhe conferem o fascínio”; são elas:

- Diversidade – se refere à “gama de assuntos que dão sustentação e credibilidade ao mundo tolkieniano”.
- Profundidade – todo e qualquer componente encontrado possui um passado histórico, um elo com alguma tradição. Não importa onde e o que se resolva investigar, encontrar-se-á outras informações que relacionam os elementos dentro da mitologia, o que confere solidez ao mundo ficcional.
- Tempo – “por trás de cada colina, de cada enseada existe um panorama de vastas extensões temporais”.

Destarte, destaca-se o fato de que o espaço – ou os cenários – está interligado às três dimensões, dado que: compõe a diversidade, dá profundidade e se relaciona diretamente ao tempo.

Crucial é perceber a possibilidade de adentrar em detalhes a análise do elemento espaço na narrativa aqui mencionada. Partindo de algum ponto da Terra-média, acompanhando alguma de suas personagens, poderíamos facilmente perder-nos em seus recantos longínquos. Dessa forma, é necessário optar por algum recorte de escolha para partir no caminho analítico. Este artigo aqui apresentado é oriundo de uma dissertação de mestrado<sup>xvi</sup> na qual se debruça com mais delonga sobre a análise do espaço, considerando a concepção do cronotopo, a partir da jornada de Frodo pela Terra-média. Para fazê-lo, porém, é preciso, primeiro, oferecer inicialmente um panorama geral que dê atenção a todo o mapa; pois “é essencial localizar o sistema todo em um espaço maior” (ZORAN, 1984, p. 330, tradução nossa)<sup>xvii</sup>. Nesse sentido, devido aos limites de extensão, este texto é dedicado ao exame das imagens criadas para uma perspectiva distanciada do leitor que primeiramente observa o mapa – considerando-se o nível topográfico da narrativa, de acordo com as definições de Zoran (1984) –, para que, a partir dela, o leitor possa seguir e adentrar o mundo de Tolkien acompanhando as personagens em nível cronotópico.

Faz-se necessário observar a *espacialização*, ou seja, “a maneira pela qual o espaço é instalado dentro da narrativa”; pois “deve-se refletir sobre a maneira pela qual o narrador [...] cria o espaço na obra literária” (BORGES FILHO, 2007, p. 61). Com esse objetivo, utilizar-se-á das explanações de Oziris Borges Filho (2007) e Antonio Dimas (1994), quando discutem os conceitos de Osman Lins, em *Lima Barreto e o espaço romanesco*<sup>xviii</sup>.

Segundo os autores, há três tipos de focalização ou ambientação possíveis na narrativa:

- a **franca**: introduzida de forma pura e simples “por um narrador independente, pautada pelo descritivismo. [...] ocorre apenas dentro da narrativa em terceira pessoa” (BORGES FILHO, 2007, p. 62). “Neste caso, torna-se nítido um certo exibicionismo técnico, o que, muitas vezes, dá margem à gratuidade do recurso, já que o momento não adere de forma plena à ação em curso” (DIMAS, 1994, p. 22);

- a **reflexa**: as coisas são percebidas através da personagem, “sem a colaboração intrusa e sistemática do narrador que, quase sempre, acompanha a perspectiva da personagem, numa espécie de visão com-partilhada [sic]” (DIMAS, 1994, p. 22). “Sua característica distintiva em relação à espacialização franca é o efeito de subjetividade dado à descrição. [...] Este tipo de espacialização pode ocorrer em narrativas de terceira ou de primeira pessoa. Depende de um personagem ativo” (BORGES FILHO, 2007, p. 64);

- a **dissimulada** (ou **oblíqua**): “os atos das personagens fazem surgir o espaço [...]. exige uma personagem ativa, cria-se harmonia entre espaço e ação, interpenetram-se seres e coisas, há uma fusão de componentes” (BORGES FILHO, 2007, p. 64). É um “processo de colaboração recíproca” e, por isso, é mais difícil de se perceber (DIMAS, 1994, p. 26).

Oziris Borges Filho ainda acrescenta, acerca da espacialização franca:

Pode acontecer de o narrador descrever um espaço do ponto de vista de uma personagem. Por exemplo, a personagem vai até uma janela e nesse momento começa a descrição do céu. Entretanto, quem continua descrevendo é o narrador. Nesses casos pode-se dizer que há uma atenuação da espacialização franca, mas ainda [...] é o narrador que instaura o espaço [...] Num outro extremo, pode ocorrer que o narrador em terceira pessoa opine sobre o espaço construído [...] Nesse caso, saindo da objetividade, o narrador mostra-se explicitamente em seu discurso, denotando subjetividade (BORGES FILHO, 2007, p. 62).

Quanto às duas primeiras:

Tanto a espacialização franca como a reflexa produzem, geralmente, dentro do texto literário uma pausa, demarcada pela mostragem de um espaço [...] Modernamente, elas são mais curtas e entremeadas com reflexões ou ações da personagem, diminuindo sensivelmente a suspensão da narrativa (BORGES FILHO, 2007, p. 64).

No caso do texto literário aqui estudado, nota-se que não há a sobreposição de uma espacialização sobre as outras. Há momentos em que o narrador (em terceira pessoa) suspende a narrativa para descrever o espaço, porém, normalmente, esses momentos acompanham a perspectiva de uma personagem – não sendo, de modo algum, gratuitos. Essa personagem, por si, na maior parte das vezes Frodo, é ativa – pois empreende sua travessia. Em algumas situações, nota-se a subjetividade do protagonista, entretanto, em outras, identifica-se uma subjetividade que não pertence a nenhuma das personagens e é, portanto, do próprio narrador. Do mesmo modo, não se pode dizer que esse é intruso, pois não invade constantemente o espaço narrativo com comentários subjetivos.

Como bem afirma Lins (1979, apud BORGES FILHO, 2007, p. 66), os três “tipos de espacializações podem se mesclar em uma mesma unidade temática”. “Além disso, não se deve esquecer que qualquer método crítico estará sempre aquém da obra literária, infinitamente rica e reinventada a cada leitura” (BORGES FILHO, 2007, p. 66). Sendo assim, em *O Senhor dos*

*Anéis*, ao passo que o espaço e a jornada seguem, o narrador também muda suas estratégias, mesclando e alternando as três especializações. Por essa razão, muitas vezes suas estratégias são sutis e difíceis de se identificar. Também por isso aqui procura-se apresentar essa variedade, que envolve narrador, personagem e espaço.

Agora se estabelece de forma mais clara a relação existente entre o protagonista e o espaço<sup>xix</sup>. Muitas vezes, o espaço pode influenciá-lo, ou *ele* pode influenciar o espaço. O mais importante é que as imagens se dão ao passo que Frodo as presencia, na maior parte das vezes.

Antes de adentrar às especificações, é preciso acrescentar que, na realização deste trabalho, entende-se, assim como Oziris Borges Filho (2007, p. 22), “o conceito de espaço como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário, natureza e ambiente”. Portanto, o espaço constituído pela Terra-média pode ser identificado nas descrições desses três elementos, assim como na sua interação com as personagens.

Ainda segundo Oziris Borges Filho (2007, p. 46), o texto literário pode ser dividido em grandes espaços, tais como “Oeste-Leste” e “Norte-Sul”. Esses caracterizam oposições entre regiões e estabelecem o que ele denomina de macroespaço da narrativa, uma vez que são espaços maiores, polarizados em regiões ou países. Desse modo, em um panorama mais amplo, primeiro se pensará o mapa da Terra-média como um todo. Para isso, pode-se utilizar o esquema demonstrado anteriormente, que delimita os quadrantes e as regiões correspondentes. Assim, deve-se levar em conta a importância do ponto cardinal representado pelo Oeste – e em complementaridade o Leste.

O Oeste é o local onde habitaram os primeiros moradores do mundo de Arda; é a terra dos Valar, em Valinor, de onde vieram os Eldar<sup>xx</sup> e os primeiros mortais da raça humana, provenientes de Númenor<sup>xxi</sup>. Dentre esses primeiros grandes humanos, veio o rei Isildur. Desta mesma linhagem real descende Aragorn, filho de Arathorn. Todavia, em um primeiro momento os hobbits não sabem que Passolargo [*Strider*] (como Aragorn é comumente conhecido na região do Condado) é o verdadeiro rei da Terra-média, o rei que ainda precisava ressurgir para reassumir seu posto legítimo. Apenas após terem viajado boa parte do caminho, desde o Pônei Saltitante [*Prancing Pony*] até Valfenda [*Rivendell*], com o auxílio e sob a proteção de Passolargo, é que Frodo descobre sua real identidade revelada a ele por Gandalf. Esse explica ao hobbit a imponência de Aragorn e seus companheiros (os Patrulheiros que ainda protegem o Norte durante a Terceira Era), fazendo alusão ao Oeste e expressando a sua importância: “Meu querido Frodo, é exatamente isso que os guardiões são: os últimos remanescentes no Norte desse *grande povo*, os *homens do Oeste*” (TOLKIEN, 2001, p. 229, grifo nosso)<sup>xxii</sup>. “Mas restam poucos na Terra-média como Aragorn, filho de Arathorn. A *raça dos Reis que vieram do outro lado do Mar* está quase no fim” (TOLKIEN, 2001, p. 229, grifo nosso)<sup>xxiii</sup>.

Estabelecida a relevância do Noroeste, mais relevante ainda é perceber que, nesse quadrante, se encontra o Shire, local da moradia dos hobbits. Os próprios hobbits, que não são acostumados a deixar suas fronteiras, reconhecem a presença do refúgio de grandes elfos à oeste do Shire. Quando em Lórien, Merry fala a Haldir, um dos elfos daquele reino: “Existem portos de elfos a *oeste* de minha terra, o Condado, onde vivem os hobbits. / – Os hobbits são um povo feliz por poder morar perto do mar! – disse Haldir” (TOLKIEN, 2001, p. 363, grifo nosso)<sup>xxiv</sup>.

Enquanto isso, no quadrante oposto e complementar, o Sudeste, se encontra Mordor, a terra da escuridão. Um lugar onde “nem a primavera nem o verão jamais chegariam outra vez”, onde “nada vivia, nem mesmo as excrescências leprosas que se alimentam da podridão [...] [a] desolação que jazia diante de Mordor [...] uma terra aviltada, adoecida além de qualquer cura” (TOLKIEN, 2001, p. 663-664)<sup>xxv</sup>. Em um extremo desse mapa temos, então, o espaço idílico representado pela terra dos hobbits e, no outro, o espaço hostil habitado por Sauron e seus seguidores. Frodo caminha, assim, da segurança para a ameaça iminente, e essa condição é construída, ao longo do enredo, através de inúmeras imagens.



Muitas vezes, observando a Terra-média como um todo, pode-se reconhecê-la quase como uma das personagens em *O Senhor dos Anéis*. Em alguns momentos ela se expressa e reage aos acontecimentos da Terceira Era, criando paisagens interessantes e significativas, mostrando autonomia e subjetividade, o que confere uma noção de solidez à estória. Entre os componentes utilizados por Tolkien para ilustrar a personificação da Terra-Média, destacam-se as oposições entre luz e sombra.

Na primeira parte da narrativa, encontra-se o segundo capítulo do Livro I, denominado “A sombra do passado” (TOLKIEN, 2001, p. 43)<sup>xxvi</sup>. Trata-se de um capítulo em grande parte explicativo, uma vez que Gandalf contextualiza a história do Anel de Poder, forjado por Sauron, e explica a Frodo como esse objeto chegou às suas mãos. É o momento no qual o leitor, em um exercício conjunto ao protagonista, aprende e começa a compreender a profundidade da problemática e da trama em que se encontra o hobbit.

A palavra *shadow* [sombra], presente no nome desse capítulo, é utilizada com frequência pelo autor. Na maioria das vezes é associada a algo desconhecido, obscuro e, por isso, amedrontador. Nesse título ela indica o passado que Frodo ainda não conhece em detalhes. Porém, ao mesmo tempo, esse passado se relaciona à origem dos anéis e à tomada do poder por parte de Sauron. Inclui, assim, dias nos quais o bem teve que lutar contra o mal, “Anos Negros” (TOLKIEN, 2001, p. 264)<sup>xxvii</sup> em que Sauron e seus seguidores conseguiram estabelecer-se na Terra-média. Dessa forma, *shadow* evoca o oculto e o não-visto por Frodo e pelo leitor.

Nota-se que a expressão, *shadow*, faz parte do léxico que se relaciona ao espaço; uma vez que a sombra corresponde àquele lugar ao qual a luz não chega. Ao refletir sobre a ideia de sombra, pode-se lembrar que ela corresponde ao que está às costas e, por isso, fora do campo de visão e fora do alcance da luz; ao passado e ao que ainda não foi visto. Isso porque um dos atributos por meio dos quais o espaço se pode definir é o corpo humano.

De acordo com o corpo humano concreto, também todo o mundo restante adquire um novo sentido e uma realidade concreta, uma materialidade, estabelece com o homem um contato que não é simbólico, mas material e espaço-temporal. O corpo humano torna-se aqui um medidor concreto do mundo, do seu peso real e do seu valor para o homem (BAKHTIN, 2010, p. 285).

O espaço frontal é tido como iluminado e o posterior é o obscuro. Há uma sensação empírica entre os seres humanos de que a sombra “cai” para trás. Como pondera Yi-Fu Tuan (1983, p. 44-45, grifo do autor):

O espaço frontal é basicamente visual. É nítido e muito maior do que o espaço posterior, que só podemos experienciar através de indicadores não visuais. O espaço frontal é “iluminado” porque pode ser visto; o espaço posterior é “escuro”, mesmo quando o sol brilha, simplesmente porque não pode ser visto.

Palavras como *shadow* e outras relacionadas à mesma imagética são utilizadas ao longo da narrativa para mencionar a terra de Mordor e seu senhor, Sauron. A imagem criada por ela é enfatizada quando em contraste com a luz, tornando mais evidente a sua presença. Em função disso, é ainda no Shire que o narrador registra a presença da escuridão e a expansão do poder de Sauron e seus seguidores na Terra-média. A morada dos hobbits é o oposto complementar de Mordor. E “[...] mesmo no confortável coração do Condado rumores foram ouvidos, embora a maioria dos hobbits ainda risse deles” (TOLKIEN, 2001, p. 45)<sup>xxviii</sup>, de que as forças do mal estavam novamente se reerguendo. “A *Torre Escura* tinha sido reconstruída, dizia-se. Dali o poder estava se *espalhando em todas as direções*, e lá no extremo *oriental e ao sul* havia guerras e o medo *crescia*” (TOLKIEN, 2001, p. 45, grifo nosso)<sup>xxix</sup>.

O fato de as notícias chegarem até o Condado causam um estranhamento, pois aquele lugar é quase inócuo, sempre protegido, e por isso sua localização é tão significativa,

considerando que fica no caminho para o Oeste. Deve-se tomar atenção às expressões utilizadas pelo narrador para indicar o crescimento do poder de Sauron. Há a Torre Escura [*Dark Tower*], que faz também referência ao escuro e recorda a sombra; e em sua maioria, as palavras utilizadas no excerto prévio pertencem ao léxico relacionado ao espaço.

O poder provindo da Torre Escura, localizada em Mordor, está “*espalhando em todas as direções*”. Essa expressão cria uma imagem de que a escuridão está tomando conta do espaço, acompanhada do poder que lhe diz respeito. Também o medo está em constante crescimento, como implica a palavra “crescia” (“*growing*”, no original), que, da mesma forma, se relaciona à uma ocupação crescente espacialmente. E esse medo vem de longe, “lá no extremo *orientado e ao sul*”, remontando ao esquema que coloca a escuridão mais intensa no quadrante sudeste.

A presença da escuridão que cresce de modo contínuo a Leste acompanha Frodo em toda a sua jornada. Esse é um dos modos da personificação do espaço da Terra-média. Assim como as forças do bem e do mal estão em constante luta, o espaço também é representado com imagens visuais que configuram forças antagônicas. Essa é uma das maneiras por quais o narrador torna concretas e visíveis algumas ideias que seriam abstratas, transformando-as em imagens claras para o leitor, conferindo uma noção de solidez à narrativa.

Yi-Fu Tuan (1980, 1982) propõe os conceitos de topofilia e topofobia que seriam contrapostos entre si. Ambos revelam a forma como a subjetividade humana atribui significações aos espaços. O primeiro se refere à familiaridade e apego a um lugar, o segundo diz respeito à aversão, ou seja, *fobia*, um lugar de medo. Percebe-se como na comparação exposta nos parágrafos anteriores a narrativa estabelece um jogo entre topofilia e topofobia. Um jogo que, na estratégia narrativa, pode convocar as sensações do próprio leitor naquele mesmo pacto feito por ele ao adentrar o Mundo Secundário, fazendo com que estabeleça mais um vínculo afetivo através das significações do texto, associadas às significações pessoais que podem ser aqui evocadas.

Muito próximo do extremo Noroeste, o Condado [*Shire*] é um refúgio de segurança no mundo do enredo. A própria palavra *shire* é uma expressão do inglês arcaico que denomina uma subdivisão administrativa de alguma região, o que é hoje conhecido em inglês como *county* (WORDREFERENCE, 2016). A escolha pela versão antiga do substantivo não é aleatória; ela evoca um sentimento de tradição e relembra paisagens campestres, uma vez que a versão atual é agora distribuída em cidades. Nesse sentido, condado/*shire* relembra o local idílico, o campo, e desperta um sentimento de nostalgia em relação com o passado histórico. Além disso, um condado é associado a um tamanho de extensão menor do que uma cidade em si, parecendo mais familiar, próximo e aconchegante.

O fato de o poder de Sauron ter se espalhado a ponto de seus rumores chegarem até o recanto noroeste da Terra-média, mostra que ele está se intensificando e, como afirma Gandalf, “[...] nosso tempo já está começando a ficar *negro*” (TOLKIEN, 2001, p. 53, grifo nosso)<sup>xxx</sup>. Uma vez mais, a era que começa a ficar “negra” remete àquela mesma imagem de sombra, como quando Gandalf diz que “[a]té vocês *hobbits* já ouviram esse nome [Mordor], como uma *sombra* rondando os *limites* das velhas histórias. Sempre, depois de uma derrota e uma pausa, a Sombra toma outra forma e cresce novamente” (TOLKIEN, 2001, p. 52, grifo nosso)<sup>xxxii</sup>. A sombra normalmente está às margens das histórias, assim como agora já está nas fronteiras do Shire. Nota-se que, nesse excerto, o que causa temor não é o nome do Senhor do Escuro, Sauron, mas sim o nome da terra onde se estabeleceu, Mordor, localizada no quadrante sudeste do mapa.

Frodo passa a perceber essa presença obscura que os ronda e, naquele momento, ele “[...] estava sentado em silêncio e paralisado. Parecia que o medo estava estendendo uma mão enorme, como uma *nuvem escura* que nascia no *Leste* e avançava para envolvê-lo” (TOLKIEN, 2001, p. 52, grifo nosso)<sup>xxxiii</sup>. Novamente, o léxico utilizado evoca uma imagem mais concreta

que possa mostrar o poder das forças maléficas que aumentam de forma gradativa. E essa “nuvem negra” vem do Leste, reforçando a sugestão proposta pelo esquema dos quadrantes.

Gandalf segue narrando a história prévia do Anel, contando como Isildur tomou-o de Sauron, derrotando-o temporariamente, mas caiu em tentação e tentou usar o objeto, o que acabou por ser a ruína do rei Númenoreano. Esse início do enredo é essencial, pois nele identifica-se algo que aparece de forma mais sutil ao longo da estrutura narrativa: ao mesmo tempo em que Frodo aprende e toma conhecimento daquilo que ainda era para si obscuro, o leitor também acompanha o seu processo de aprendizado. Assim, a perspectiva do leitor é a mesma de Frodo, o protagonista; como ocorre na maior parte da história.

Ao descobrir os acontecimentos junto com Frodo, percebe-se as mesmas coisas, sentem-se e se imaginam as mesmas imagens; por conseguinte, nesse momento do texto tem-se o Shire como um local seguro, como lar. De certa forma, identifica-se com as sensações da personagem, pois todos temos um lugar onde nos sentimos seguros, protegidos. O lar de Frodo torna-se também do leitor, por meio da relação que se institui emocionalmente. Porque

[...] no plano de uma filosofia da literatura, e da poesia em que nos colocamos, há um sentido em dizer “escrevemos um quarto”, que “lemos um quarto”, que “lemos uma casa”. Assim, rapidamente, desde as primeiras palavras, na primeira abertura poética, o leitor que “lê um quarto” interrompe sua leitura e começa a pensar em algum aposento antigo. [...] Os valores de intimidade são tão absorventes que o leitor já não lê o seu quarto: revê o dele. [...] para além das lembranças, a casa natal está inserida em nós (BACHELARD, 1993, p. 33, grifo do autor).

E, assim, pode-se entender, de forma plena, o que representa a localização do quadrante Noroeste na história. Essa valorização do espaço natal de Frodo cria imagens de um *espaço feliz* e mostra a pertinência da investigação da topofilia, assim como denomina Bachelard (1993, p. 19), uma vez que pode determinar “o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados”. Entretanto, Gildor, um dos elfos com quem se deparam em sua jornada (ainda dentro do Shire) esclarece: “O vasto mundo está em volta de vocês. Podem se trancar aqui dentro, mas não trancá-lo lá fora”; ao que Frodo responde: “Eu sei – e apesar disso o Condado sempre me pareceu tão *seguro e familiar*” (TOLKIEN, 2001, p. 86, grifo nosso)<sup>xxxiii</sup>.

O perigo já circula os arredores do Shire, tentando invadi-lo. Ao passo que os hobbits se distanciam, as fronteiras começam a ser delimitadas. Já em Terra dos Buques [*Buckland*], região a leste de Vila dos Hobbits e, portanto, mais próxima aos limites do Shire, o narrador registra o fato de que “Os moradores da Terra dos Buques mantinham as portas trancadas depois de escurecer, e isso também não era comum no Condado” (TOLKIEN, 2001, p. 102)<sup>xxxiv</sup>. Essa atitude mostra que ali os moradores, apesar de também serem hobbits, são mais cautelosos, e que o perigo fica mais iminente conforme deixam o Oeste a caminho do Leste.

Sendo uma região limítrofe, Terra dos Buques evoca a ideia de fronteira. E, “[s]e há fronteira, ela existe porque as características, a ‘estrutura interna’ desses [...] subespaços são diferentes. Essas diferenças internas dos subespaços podem ser de variada ordem: social, psicológica, ideológica, física, econômica, etc” (BORGES FILHO, 2007, p. 103, grifo do autor). Assim, Terra dos Buques representa uma fronteira artificial (porque foi construída pelo homem, e não resultou, ao menos de imediato, de nenhum acidente geográfico), que estabelece também a diversidade comportamental. Ademais, nesse lugar, pode-se identificar uma das funções atribuídas por Borges Filho (2007, p. 41) ao realizar a topoanálise: a possibilidade de antecipar a narrativa a partir de alguns indícios impregnados naquele espaço, caracterizando uma prolepse espacial. Isso ocorre porque, ao longo da jornada dos hobbits, as fronteiras ficam mais determinadas e difíceis de transgredir, indicando também diferenças mais acentuadas entre seus habitantes.

As divisões territoriais estabelecem discrepâncias entre as personagens, elas as separam em diferentes espécies e raças, com hábitos e culturas divergentes. Em *O Senhor dos Anéis* essa característica é essencial, uma vez que:

[...] desde o início da Geografia, o conceito de território está intimamente associado ao conceito de *poder*. Território é o espaço dominado por algum tipo de poder, é o espaço enfocado do ponto de vista político ou da relação de dominação-apropriação. [...] Em resumo, *temos no conceito de território a possibilidade de análise das relações de poder na obra literária* (BORGES FILHO, 2007, p. 28, grifo nosso).

Percebe-se como o fato de o poder de Sauron estar se alastrando a partir de Mordor é relevante: demonstra uma invasão de território e transgressão de fronteiras, indicando a expansão de seu domínio, que, antes localizado no quadrante Sudeste do mapa, agora cresce progressivamente. Por isso, eles devem concentrar seus esforços “Contra a sombra do *Leste*” (TOLKIEN, 2001, p. 175, grifo nosso)<sup>xxxv</sup>, como afirma Aragorn, utilizando duas expressões já comentadas acima, que fazem parte do campo lexical aqui relacionado ao espaço. Nesse caso, ele localiza a sombra no ponto Leste do mapa, contribuindo também para a percepção a respeito de Sauron.

A representação do poder adquirido pelo Senhor das Trevas é feita através da apresentação do aumento de seus aliados e do pavor instaurado no local onde o seu exército é reunido. Apenas a menção do nome “Mordor” causa desconforto em muitas das personagens. Há uma ligação consistente entre Mordor e Sauron, é como se o local fizesse parte dele (expressando sua malícia), e vice-versa.

Na ocasião do encontro em Valfenda, a casa de Elrond<sup>xxxvi</sup>, o elfo esclarece os fatos a respeito da última batalha que travaram contra Sauron: “O poder de Sauron diminuiu, mas não foi destruído. O Anel estava perdido, mas não desfeito. A Torre Escura foi quebrada, mas os alicerces não foram removidos, pois haviam sido feitos com o poder do Anel, e enquanto este permanecer os alicerces vão durar” (TOLKIEN, 2001, p. 253)<sup>xxxvii</sup>. Percebe-se, assim, a ligação estabelecida em um poder triplo, que cria um elo entre Sauron, o Anel e Mordor, onde se encontra a Torre Escura.

Estabelecido em sua terra a Sudeste, Sauron continua mandando suas forças para ultrapassar as fronteiras no restante do continente. “O Senhor do Anel [...] é [...] o Senhor da Torre Escura de Mordor, cujo poder está de novo se *espalhando* pelo mundo! [...] Lá fora está ficando escuro” (TOLKIEN, 2001, p. 234, grifo nosso)<sup>xxxviii</sup>. Mais uma vez, as expressões utilizadas para criar os significados são espaciais, criando imagens que permitam ao leitor concretizar as ideias figuradas. Como o poder que está “se *espalhando* pelo mundo [*stretching out over the world*]”, provocando a concepção de alongamento.

No mesmo encontro em Valfenda, mencionado acima, outros membros do conselho expressam os seus receios com relação ao inimigo que fica, a cada dia, mais forte. Um deles é Boromir, homem de Gondor<sup>xxxix</sup>, filho do lorde Denethor, intendente que se encontrava no comando de Minas Tirith. Ele veio até Valfenda para se aconselhar com Elrond, uma vez que teve um sonho e: “Nesse sonho, vi o céu do *Leste* ficar cinza-escuro, e havia um trovão crescente, mas no *Oeste* uma luz pálida permanecia” (TOLKIEN, 2001, p. 255, grifo nosso)<sup>xl</sup>.

No sonho de Boromir contempla-se a luta entre os mundos ocidental e oriental, enquanto o “céu do Leste” cresce ou se expande em escuridão e o “Oeste” emana uma luz pálida, que ainda resiste. E, como afirma Elrond, os demais irão perceber ali que o problema deles “[...] é apenas parte do problema de todo o mundo *ocidental*” (TOLKIEN, 2001, p. 251, grifo nosso)<sup>xli</sup>, pois a sua maior parte se encontra em constante preocupação com o perigo iminente a Leste. Por fim, há um certo momento na Terra-média, que até mesmo “[...] o *Oeste* já não é seguro” (TOLKIEN, 2001, p. 434, grifo nosso)<sup>xlii</sup>.

Nesse sentido, há excertos nos quais a escuridão encontra-se pairando, quase estática no Leste, e outros em que ela se movimenta, tentando invadir as demais regiões; como quando Legolas e Gandalf observam Isengard e Mordor em comparação, encontrando-se eles no Abismo de Helm [*Helm's Deep*]<sup>xliii</sup>:

Ainda não havia nuvens cobrindo o céu, mas o ar estava pesado; estava quente para aquela estação do ano. O sol se levantava envolto em névoas e atrás dele, seguindo-o devagar em sua escalada no céu, via-se uma *escuridão crescente*, como uma grande tempestade que *chegava do leste*. E em direção ao noroeste parecia haver outra escuridão se formando aos pés das Montanhas Sombrias, uma sombra que se arrastava devagar, descendo do Vale do Mago. / – [...] Não são as nuvens ou a névoa que atrapalham minha visão: há um *véu de sombra*, que algum poder derrama por sobre a terra, e que está *descendo* lentamente o rio. [...] / – E atrás de nós vem uma verdadeira tempestade de Mordor – disse Gandalf. – Será uma noite negra (TOLKIEN, 2001, p. 551, grifo nosso)<sup>xliv</sup>.

Nota-se também a construção imagética formada pelo trecho, onde “um véu de sombra” “desce” (ou “*marches*”, no original) lentamente: a expressão *march* implica cobrir ou atravessar um espaço, o que remete novamente à ideia espacial que constitui solidez à narrativa.

Não se deve obliterar a presença do Sul na constituição dessa Terra de Sombras. As coordenadas estão dispostas em Norte, Sul, Leste e Oeste, mas são as suas combinações e convergências que mais importam. Sendo assim, da mesma forma que se encontram as menções do Leste relacionado à crescente sombra, nota-se também a presença do Sul como a região que fica às costas, aos fundos, e, por isso, na escuridão.

Ao edificar esse campo lexical, o narrador contribui para a constituição da ideia de que o Sudeste é soturno. A presença desses termos pode ser mais explícita – como na maioria dos excertos apresentados até o momento – ou mesmo mais sutil. O último tipo ocorre, por exemplo, quando os quatro hobbits, guiados por Aragorn, estando em Topo do Vento [*Weathertop*], avistam os Nazgûl e, para se protegerem da percepção dos Cavaleiros Negros [*Black Riders*], “[r]apidamente se arrastaram e escorregaram pelo lado *norte* da colina, para encontrar os companheiros” (TOLKIEN, 2001, p. 195, grifo nosso)<sup>xlv</sup>, porque, como se vê, os inimigos que são relacionados à imagem da sombra, estão ao Sul.

O Norte é o local da luz, enquanto o Sul prescreve um indício de mistério. Como consequência, a cada passo dado por Frodo e pela Companhia do Anel a Sul e a Leste, distanciando-se do Norte e do Oeste, há o acréscimo do perigo que os ronda sem cessar. Por isso mesmo, há inclusive um dos capítulos da primeira parte, *A Sociedade do Anel*, que é intitulado “O Anel vai para o Sul” (TOLKIEN, 2001, p. 283)<sup>xlvi</sup>. Ademais, esse título enfatiza a característica essencial dessa narrativa: a trajetória espacial; ele indica o caminho a ser percorrido pelo Anel e, portanto, o movimento a ser realizado por seu portador. E essa jornada viabiliza a investigação a respeito do espaço, pois intensifica os seus significados e possibilidades.

Ao acompanhar a jornada de Frodo pode-se perceber a variedade de lugares e construções imagéticas e espaciais construídas por Tolkien através de seu narrador. A sombra a Leste cresce cada vez mais, e mesmo Elrond não está apto a prever o que Frodo encontrará em seu caminho; como ele mesmo afirma: “Consigo prever muito pouco do seu caminho, e como sua tarefa deve ser desempenhada eu não sei. A Sombra agora já chegou aos pés das Montanhas, e avança até a região próxima ao rio Cinzento; sob a Sombra tudo fica escuro aos meus olhos” (TOLKIEN, 2001, p. 286)<sup>xlvii</sup>.

Frodo, e Sam em sua companhia, devem empreender uma longa travessia, e esse é um dos motivos da importância do espaço no enredo. De início, se instaura a distância e as discrepâncias existentes entre esses dois espaços que se encontram quase nos extremos dos quadrantes noroeste e sudeste, constituindo-se as imagens relativas a cada um; depois,



determina-se a trajetória tortuosa que deve ser desbravada desde o Shire até Mordor. Desse modo, começa-se a compreender o feito *sui generis* a ser realizado pelos dois pequenos hobbits.

Os dois seguem em direção àquela que é sempre, dia ou noite, uma terra sombria, onde são atingidos por desespero. “É um lugar de maldade que nunca adormece, cheio de olhos sem pálpebras” (TOLKIEN, 2001, p. 729)<sup>xlviii</sup>. Como Sam mesmo reflete: “Que enrascada! [...] De todas as terras de que já tivemos notícia, este é o único lugar que não queremos ver mais de perto; exatamente o lugar que estamos tentando atingir!” (TOLKIEN, 2001, p. 633)<sup>xlix</sup>. De qualquer modo, ainda que encoberto e através do “[...] vapor, ou névoa, ou sombra escura ou o que quer que fosse aquilo que sempre havia ao *leste*” (TOLKIEN, 2001, p. 689, grifo nosso)<sup>1</sup>, eles podiam ver o nascer do sol. E, durante o pôr-do-sol, também, poderiam ter algum consolo, e, algumas vezes, esperança.

É importante considerar com singular atenção o espaço do Condado porque ele é o *espaço inicial* do enredo. “Deve-se identificá-lo, perceber suas características e estar atento no seu papel no desenrolar da narrativa. É sempre interessante contrastar esse espaço inicial da narrativa com o espaço final, verificando os efeitos de sentido que essa relação provoca” (BORGES FILHO, 2007, p. 43). Ao deixar esse espaço inicial, Frodo institui uma quebra no ciclo estabelecido pelo idílio, deixando de viver apenas para as realidades básicas da vida. Ademais, ao fazê-lo adentrando o espaço inóspito estabelece um paralelo imagético que o coloca no patamar do herói, quando se submete “aos desígnios do absolutamente intolerável” (CAMPBELL, 1995, loc 1702) enquanto vivencia Mordor.

### **Considerações finais**

Ao acompanhar o espaço na obra de Tolkien em sua constituição antitética intrinsecamente associada à atribuição de significados distribuídos ao longo da narrativa, pode-se tomar de novas perspectivas diante de nossas concepções de mundo. De início, é relevante refletir a respeito das relações humanas com os espaços que se habitam, repensando os efeitos provocados pelo estabelecimento de divisões territoriais.

No contexto social atual é pertinente analisar os sentidos arbitrários das fronteiras no mundo contemporâneo. Ao notar que todas as divisões atribuídas não são naturais, mas sim fruto das concepções humanas a respeito do espaço (e de poder), percebe-se como assuntos variados, tais como a imigração, podem ganhar perspectivas diferenciadas. Ademais, pode-se refletir ainda sobre o mundo globalizado, habitado por inúmeras nacionalidades, onde e quando se tem cada vez mais conhecimento sobre outros e novos lugares, mas, ao mesmo tempo, cada vez mais, somos menos independentes para nos locomover livremente, necessitando sempre passar por estradas já delineadas e aduanas já controladas. A fantasia, não admira, parece nos falar sempre muito a respeito de nosso mundo referente e de nossas concepções (distorcidas?) de humanidade.

### **FROM MAP TO MYTH: SPATIALITY AS A NARRATIVE STRATEGY IN A TOPOPHILIC POETICS IN THE CREATION OF MIDDLE-EARTH**

**ABSTRACT:** This paper traces space elements in *The Lord of the Rings* (1954) thinking of the tophilia as developed by Tolkien. In doing that we analyze the way the narrative elements are used in order to identify the pictorial composition in the work. Therefore, one can see how the articulation of the narrator makes it possible for the reader to visualize Middle-earth. For this purpose, it is essential to overlap the geographical coordinates and their comprehension in the meaning of the semantic field of the narrative. Thus, the conceptions by Osiris Borges Filho (2010), Antônio Dimas (1994), Yi-Fu Tuan (1983), Gabriel Zoran (2016) and Bachelard (1993) contributed to understanding the space element in the narrative. As well as the chronotope as elaborated by Mikhail Bakhtin (2010) and Campbell's (1995) ideas on the hero's whole. Thereby, it is necessary to emphasize that this approach minds space essentially as a narrative element even though it uses of inferred meanings from maps and its presence in the narrative, noticing and analysing how these meanings and presence occur through the writing techniques

used by the author. At last, the proposal of interpretation from overlapping quadrants based on coordinates only occurs to the extent in which it is constituted through narrative techniques in order to understand the attributed meanings that can be further observed throughout Tolkien's text.

**Keywords:** Tolkien. Space. *The Lord of the Rings*. Narrative strategy. Literary spatialization

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução Ana Mafalda et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BEAGLE, Peter S. Tolkien's Magic Ring. In: TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The Tolkien Reader*. New York: Ballantine, 1966. p. ix-xvii.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura*. São Paulo: Ribeirão, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995. Versão para leitor digital Kindle, disponibilizada pela LeLivros.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FOSTER, Robert. *The complete guide to Middle-earth*. New York: Ballantine, 1979.

KYRMSE, Ronald. *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. Lisboa: Tinta-da-china, 2013.

NUNES, Rafael da Silva. *As representações cartográficas de universos fantásticos: a 'Geo'grafia do Imaginário da Terra-média de J. R. R. Tolkien*. 2020. 251p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50996/50996.PDF>. Acesso em: 08 set. 2023.

SHIRE. In: *Wordreference English-Portuguese dictionary*. Florida: WordReference.com, 2016. Disponível em: <http://www.wordreference.com/enpt/shire>. Acesso em: 1 jun. 2016.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *1971 BBC radio interview with J.R.R. Tolkien*. [Entrevista disponibilizada em 16 de janeiro de 2008, a Internet]. Disponível em: <http://www.tolkienlibrary.com/press/804-Tolkien-1971-BBC-Interview.php>. Entrevista concedida a Dennis Gerrold. Acesso em: 20 abr. 2016.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O senhor dos anéis*. Tradução Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The lord of the rings: (part 1) the fellowship of the ring*. London: HarperCollins, 2007. p. 1-531.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The lord of the rings: (part 2) the two towers*. London: HarperCollins, 2007. p. 537-971.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The lord of the rings: (part 3) the return of the king*. London: HarperCollins, 2007. p. 977-1567.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The Silmarillion*. Organização Christopher Tolkien. London: HarperCollins, 1999.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. Tree and Leaf. In: TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The Tolkien reader*. New York: Ballantine, 1966. p. 29-120.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanista. In: CRISTOFOLETI, A. (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 29-40.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

ZORAN, Gabriel. Towards a Theory of Space in Narrative. *Poetics Today*, v. 5, n. 2, The Construction of Reality, Duke University, 1984, p. 309-335. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0333-5372%281984%295%3A2%3C309%3ATATOSI%3E2.0.CO%3B2L>. Acesso em: 10 jul. 2016.

WHITE, Michael. *J. R. R. Tolkien, o senhor da fantasia*. Tradução Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: DarkSide, 2013.

**Data de submissão: 31/03/2023**

**Data de aceite: 18/09/2023**

---

<sup>i</sup> A edição utilizada para este trabalho é de 2007. Em português foram intitulados como *A sociedade do anel*, *As duas torres* e *O retorno do rei*. A edição utilizada para fornecer as traduções deste trabalho foi publicada em 2001, em um único volume.

<sup>ii</sup> O nome de alguns títulos, bem como de alguns lugares, será indicado no original em inglês, para que o leitor possa identificá-los também caso se debruce sobre algum mapa no idioma de escrita de Tolkien.

<sup>iii</sup> “in a hole in the ground there lived a hobbit”. Essa foi a frase que, segundo Tolkien, veio à sua mente ao corrigir uma pilha de exames; encontrando uma página em branco, ele simplesmente a rascunhou. De acordo com ele, foi o primeiro passo para o início de *O Hobbit*, e, portanto, de toda a sua mitologia (WHITE, 2013, p. 20-22; KYRMSE, 2003, p. 12).

<sup>iv</sup> “when you've got these people on your hands, you've got to make them different haven't you?” (TOLKIEN, 2008).

<sup>v</sup> “Tolkien believes in his world and in all those who inhabit it. This is, of course, no guarantee of greatness – if Tolkien weren't a fine writer, it could not make him one – but it is something without which there is no greatness, in art or in anything else” (BEAGLE, 1966, p. xvi).

<sup>vi</sup> “[i]f you're going to have a complicated story you must work to a map, otherwise you can never make a map of it afterwards” (TOLKIEN, 2008).

<sup>vii</sup> A Primeira Era se iniciou com o despertar dos Elfos, no ano 1 dos Anos do Sol e durou aproximadamente 590 anos. Nela despertaram também os Anões e os Homens. A Primeira Era viu ocorrer a Guerra de Morgoth contra esses primeiros povos e se encerrou com a Guerra da Ira e o afogamento de Beleriand, sendo Morgoth capturado

---

e expulso de Arda. A Segunda Era teve aproximadamente 3441 anos de duração. Nela, os Edain prosperam em Númenor. Não obstante, os Anéis do poder foram criados e Sauron, servo de Morgoth, surgiu, causando a queda de Númenor e mudanças no mundo. A Segunda Era terminou com a Guerra e derrota de Sauron, pegando Isildur o Anel para si. A Terceira Era durou aproximadamente 3021 anos. Nela Sauron ascendeu uma vez mais buscando o poder, enquanto os elfos se enfraqueciam cada vez mais. Por fim, Sauron foi derrotado na Guerra do Anel. A Terceira Era se encerrou alguns anos mais tarde com a partida dos últimos elfos para o Oeste.

<sup>viii</sup> No Brasil, apenas parte desta produção foi publicada em tradução pela Harper Collins até o ano da escrita deste artigo, em 2023.

<sup>ix</sup> “He makes a Secondary World which your mind can enter. Inside it, what he relates is ‘true’: it accords with the laws of that world. You therefore believe it, while you are, as it were, inside. The moment disbelief arises, the spell is broken; the magic, or rather art, has failed. You are then out in the Primary World again, looking at the little abortive Secondary World from outside” (TOLKIEN, 1966, p. 60, grifo do autor).

<sup>x</sup> “It is precisely the colouring, the atmosphere, the unclassifiable individual details of a story, and above all the general purport that informs with the life the undissected bones of the plot, that really count” (TOLKIEN, 1966, p. 46).

<sup>xi</sup> Nome do principal entre os Nazgûl (espectros ligados ao poder do Anel, que estão, por isso, fadados a obedecer a ele e ao Senhor do Escuro, Sauron). Angmar, o rei bruxo, era assim conhecido quando tinha poder no reino nortenho, localizado nos dois lados das Montanhas Sombrias, habitado por Orcs e outras criaturas.

<sup>xii</sup> “They stood on a wet floor of polished stone, the doorstep, as it were, of a rough-hewn gate of rock opening dark behind them. But in front a thin veil of water was hung, so near that Frodo could have put na outstretched arm into it. It faced westward. The level shafts of the setting sun behind beat upon it, and the red light was broken into many flickering beams of ever-changing colour. It was as if they stood at the window of some elven-tower, curtained with threaded jewels of silver and gold, and ruby, sapphire and amethyst, all kindled with na unconsuming fire.

‘At least by good chance we came at the right hour to reward you four patience,’ said Faramir. ‘This is the Window of the Sunset Henneth Annûnm fairest of all the falls of Ithilien, land of many fountains. Few strangers have ever seen it. But there is no kingly hall behind to match it. Enter now and see!’

Even as he spoke the sun sank, and the fire faded in the flowing water” (TOLKIEN, 2007, p. 880-881).

<sup>xiii</sup> Alguns entre os Ainur, os Guardiões do Mundo. Seres de puro espírito que assumiam formas belas e grandiosas. Preocupavam-se com a segurança dos elfos e dos homens. Seus poderes estão ligados aos limites do mundo, por isso, eles são a vida do mundo e o mundo é a sua vida. Eram conhecidos por muitos nomes: *the Mighty, the Powers, the Powers of Arda, the Rulers of Arda, the Powers of the World, the Guardians of the World, the Lords, the Lords of Valinor, the Lords of the West, the Authorities, the Deathless, the Gods* e *the Enemies beyond the Sea* (pelos Orcs) (FOSTER, 1979, p. 514-516; KYRMSE, 2003, p. 30; MANGUEL; GUADALUPI, 2013, p. 928-929).

<sup>xiv</sup> “The sun was down, and a cool pale evening was *quietly* fading into night” (TOLKIEN, 2007, p. 60, grifo nosso).

<sup>xv</sup> A opção pelas cores para complementar a representação no diagrama se deu com base no campo semântico e lexical utilizado por Tolkien em *O Senhor dos Anéis*, que evoca as ideias de luz e sombra, dia e noite, resplendor e escuridão; criando várias antíteses significativas.

<sup>xvi</sup> A dissertação mencionada, bem como, portanto, este trabalho, foram desenvolvidos com o financiamento de bolsa Capes.

<sup>xvii</sup> “It is essential to locate the entire system within some larger space” (ZORAN, 1984, p. 330).

<sup>xviii</sup> LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

<sup>xix</sup> A concepção de espaço aqui tomada é aquela considerada como elemento da narrativa literária, a partir do que discutem, principalmente, Antônio Dimas (1994), Oziris Borges Filho (2007), Gabriel Zoran (2016), bem como Mikhail Bakhtin (2010), no que concernem as definições de cronotopo.

<sup>xx</sup> Os mais nobres entre os primeiros seres: os Grandes Elfos; entre eles estão Galadriel (de Lothlórien, personagem de *O Senhor dos Anéis*) e Thranduil (de Mirkwood, personagem de *The Hobbit*). A maioria deles cruzou o Grande Oceano a Oeste, em direção à Valinor, após o fim da Guerra do Anel, na Terceira Era. Todos tinham grande consideração pelas estrelas e pelas coisas vivas. São também conhecidos como *the High Kindred, the People of the Stars, the People of the Great Journey, the High Elves* (FOSTER, 1979, p. 141-142).

<sup>xxi</sup> Era um reino poderoso e rico, terra dos Dúnedain. Alguns dos Númenóreanos se tornaram orgulhosos e descontentes. Em uma tentativa de ganhar poder, aprisionaram Sauron e esse os corrompeu. Dessa forma, Eru (ou Ilúvatar), o criador de tudo, destruiu a ilha. Os únicos Dúnedain sobreviventes foram Elendil (pai de Isildur e, portanto, da linhagem familiar da qual descende Aragorn), aqueles que se mantinham fiéis aos Valar e os que já se encontravam na Terra-média (FOSTER, 1979, p. 376-378).

<sup>xxii</sup> “My dear Frodo, that is just what the Rangers are: the last remnant in the North of the great people, the Men of the West” (TOLKIEN, 2007, p. 288, grifo nosso).

<sup>xxiii</sup> “But there are few left in Middle-earth like Aragorn son of Arathorn. The race of the Kings from over the Sea is nearly at and end” (TOLKIEN, 2007, p. 287, grifo nosso).

- 
- xxiv “‘There are Elf-havens west of my land, the Shire, where Hobbits live.’ / ‘Happy folk are Hobbits to dwell near the shores of the sea!’ said Haldir” (TOLKIEN, 2007, p. 453-454, grifo nosso).
- xxv “neither spring nor summer would ever come again [...] nothing lived, not even the leprous growths that feed on the rottenness [...] the desolation that lay before Mordor [...] a land defiled, diseased beyond all healing” (TOLKIEN, 2007, p. 825-826).
- xxvi “The Shadow of the past” (TOLKIEN, 2007, p. 55).
- xxvii “the Black Years” (TOLKIEN, 2007, p. 331).
- xxviii “[...] even in the comfortable heart of the Shire rumours had been heard, though most hobbits still laughed at them” (TOLKIEN, 2007, p. 58).
- xxix “The Dark Tower had been rebuilt, it was said. From there the power was spreading far and wide, and away far east and south there were wars and growing fear” (TOLKIEN, 2007, p. 57, grifo nosso).
- xxx “[...] our time is beginning to look *black*” (TOLKIEN, 2007, p. 67, grifo nosso).
- xxxi “That name [Mordor] *even you hobbits* have heard of, like a *shadow* on the *borders* of old stories. Always after a defeat and a respite, the Shadow takes another shape and grows again” (TOLKIEN, 2007, p. 67, grifo nosso).
- xxxii “[...] sat silent and motionless. Fear seemed to stretch out a vast hand, like a *dark cloud* rising in the *East* and looming up to engulf him” (TOLKIEN, 2007, p. 67, grifo nosso).
- xxxiii “‘The wide world is all about you: you can fence yourselves in, but you cannot for ever fence it out’”; ao que Frodo responde: “‘I know – and yet it has always seemed so *safe* and *familiar* [...]’” (TOLKIEN, 2007, p. 109, grifo nosso).
- xxxiv “The Bucklanders kept their doors locked after dark, and that also was not usual in the Shire” (TOLKIEN, 2007, p. 129).
- xxxv “Against the *Shadow* in the *East*” (TOLKIEN, 2007, p. 220, grifo nosso).
- xxxvi Elrond Half-elven era de ascendência humana e élfica. Tendo a permissão para escolher sua raça, Elrond decidiu juntar-se à espécie dos elfos, tornando-se um Eldarin de grande poder e sabedoria. Ele fundou Valfenda (no idioma comum) ou Imladris (no idioma élfico), um dos grandes refúgios élficos na Terra-Média (FOSTER, 1979, p. 147).
- xxxvii “Sauron was diminished, but not destroyed. His Ring was lost but not unmade. The Dark Tower was broken, but its foundations were not removed; for they were made with the power of the Ring, and while it remains they will endure” (TOLKIEN, 2007, p. 317).
- xxxviii “[...] The Lord of the Ring is [...] the master of the Dark Tower of Mordor, whose power is again *stretching* out over the world. [...] Outside it is getting dark” (TOLKIEN, 2007, p. 294, grifo nosso).
- xxxix Um dos reinos Dúnedain e o mais importante dos reinos na Terra-média. Sua capital, no período da Guerra do Anel, era Minas Tirith. Fundado por Elendil, depois que esse escapou da destruição de Númenor, ao longo dos anos teve a linhagem dos reis interrompida e passou a ser governado por intendentess. Nessa época, Denethor (pai de Boromir) era o lorde responsável em Minas Tirith (FOSTER, 1979, p. 217-218; MANGUEL; GUADALUPI, 2013, p. 354-355).
- xl “In that dream I thought the *eastern sky grew dark* and there was a growing thunder, but in the *West* a pale light lingered” (TOLKIEN, 2007, p. 320, grifo nosso).
- xli “[...] is but part of the trouble of all the *western world*” (TOLKIEN, 2007, p. 315, grifo nosso).
- xlii “[...] the West is no longer safe” (TOLKIEN, 2007, p. 541).
- xliiii Uma das principais defesas de Rohan. Durante a Guerra do Anel o lugar foi cenário de uma grande batalha, sendo defendido por Théoden, rei de Rohan. Lá também estavam Aragorn, Legolas e Gimli, todos auxiliados por Gandalf, O Branco (FOSTER, 1979, p. 246; MANGUEL; GUADALUPI, 2013, p. 255-256; TOLKIEN, 2007).
- xliv “There were no clouds overhead yet, but a heaviness was in the air; it was hot for the season of the year. The rising sun was hazy, and behind it, following it slowly up the sky, there was a growing darkness, as of a great storm moving out of the East. And away in the North-west there seemed to be another darkness brooding about the feet of the Misty Mountains, a shadow that crept down slowly from the Wizard’s Vale. [...] “It is not mist or cloud that defeats my eyes: there is a veiling shadow that some power lays upon the land, and it marches slowly down stream [...].” “And behind us comes a very storm of Mordor,” said Gandalf. “It will be a black night”” (TOLKIEN, 2007, p. 687, grifo nosso).
- xlvi “Hastily they crept away and slipped down the *north* side of the hill to find their companions” (TOLKIEN, 2007, p. 246, grifo nosso).
- xlvii “The Ring Goes South” (TOLKIEN, 2007, p. 354).
- xlviii “I can foresee very little of your road; and how your task is to be achieved I do not know. The Shadow has crept now to the feet of the Mountains, and draws nigh even to the borders of the Greyflood; and under the Shadow all is dark to me” (TOLKIEN, 2007, p. 358).
- xlix “a place of sleepless malice, full of lidless eyes” (TOLKIEN, 2007, p. 906).
- l “What a fix! [...] That’s the one place in all the lands we’ve ever heard of that we don’t want to see any closer; and that’s the one place we’re trying to get to!” (TOLKIEN, 2007, p. 788).



---

<sup>1</sup> “reek, or haze, or dark shadow, or whatever it was, that lay ever to the *east*” (TOLKIEN, 2007, p. 857, grifo nosso).